

A arte portanto não é uma fuga, como pensara Freud, mas um engajamento produtivo; não é passiva, mas ativa — “a patologia justamente consiste em não se poder estabelecer essa área, ou em dissolver o paradoxo que a constitui”. A arte e a psicanálise passam assim a ser concebidas como implicando “um movimento pulsional conjugado ao que o ambiente põe, material e efetivamente, à disposição do indivíduo”, prossegue, citando Luz, de modo que “daí resulta uma experiência atual”. “Ora”, reforça, retomando Nelson Brissac Peixoto, “dizer que a arte é objeto de um processo de experiência é muito diferente de vê-la como objeto fascinante ou sedutor, causa de uma reativação repetitiva de fantasias originárias ou lugar de auto-satisfação narcísica”.

Entendendo a experiência artística como uma “experiência de alteridade” tal como Merleau-Ponty a define em *O visível e o invisível*, como “aquilo que exige de nós criação para que dela possamos ter experiência”, Frayze-Pereira parte então para uma análise da obra de Alex Flemming, em que busca vislumbrar “a dinâmica psicoestética” que determinaria as “condições peculiares e felizes que instalam um artista e seu espectador num determinado espaço”, de modo a que a transicionalidade não se perca, o objeto não se fixe “como um fetiche” e o espectador não se imobilize.

Recebido em 15/4/2002.
Aprovado em 6/11/2002.

André Martins
Rua Professor Saldanha, 134/c.04.
22461-220 Rio de Janeiro RJ
andremar@nesc.ufrj.br

PSICANÁLISE DO COTIDIANO

Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano. Roland Chemama. Porto Alegre, CMC Editora, 2002, 347 p.

Ana Costa

Psicanalista, membro da Associação
Psicanalítica de Porto Alegre.

Trata-se da reunião de 31 artigos provin- dos de intervenções em jornadas e coló- quios, principalmente na França. Seu au- tor é reconhecido entre os franceses pela organização de um dicionário de psica- nálise e, no Brasil, com suas vindas e in- tervenções em instituições psicanalíticas e universitárias.

Embora resultante da reunião de arti- gos, o livro desenvolve uma linha única de pensamento, com textos produzidos ao longo de muitos anos. Há o desdobra- mento de questões básicas, que colocam para o psicanalista a necessidade de in- tervenção nos diferentes discursos que estruturam seu tempo e lugar.

O título já nos dá a pista do que ire- mos encontrar, na medida que desdobra duas questões de junção paradoxal: “ele- mentos lacanianos”, situando os refe- rentes que balizam as indagações do autor e “psicanálise no cotidiano”, enquanto lugar de enunciação dessas indaga- ções. Assim, encontraremos um incessan- te ir-e-vir — da preocupação com a trans- missão da psicanálise, à análise das pro- duções culturais — para abordar tanto os sintomas característicos dos discursos contemporâneos quanto a contribuição singular da psicanálise nos diferentes contextos.

As duas questões assinaladas parecem- nos suficientes para apresentar o fio de onde se tecem as inquietações da produ-

ção do autor. O “cotidiano” como um lugar de enunciação lembra-nos um dos textos freudianos fundadores da abordagem do inconsciente — *Psicopatologia da vida cotidiana*. Tomá-lo como motor do trabalho implica aceitar um risco incomum: significa o exercício de uma enunciação que é própria do lugar de intervenção do psicanalista, qual seja, o de fazer parte das formações do inconsciente do discurso no qual intervém. É nessa medida que sua posição não é representada como de um saber exterior, que poderia expressar um domínio sobre esse saber. Chemama retoma essa questão de muitas formas. Ela está colocada no momento em que a psicanálise é convocada a dar provas de validade científica — toda a polêmica gerada por Pooper indica esse caminho.

É principalmente nos textos que abordam a especificidade da interpretação em psicanálise que o autor melhor a situa. O tema da interpretação atravessa toda a obra e vai produzir as mais belas passagens (veja-se a abordagem clínica em “Sobre a interpretação ou a prova pelo significativo”), seja quando trata especificamente sobre isso no capítulo “A experiência psicanalítica”; ou mesmo na “Prática da letra”, quando trabalha a inter-relação entre psicanálise e literatura; ou em “Leituras lacanianas”, quando trata de transmitir alguns dos principais conceitos daquele autor.

O “cotidiano” também está representado nas diferentes leituras apresentadas em “O sujeito na história”, quando o autor analisa os efeitos produzidos na forma de expressão do sujeito a partir da modernidade. Assim, acompanhamos a especificidade dos efeitos da revolução francesa, ou mesmo do discurso do capitalista, na produção desse sujeito. A abordagem, em diferentes artigos, dos dis-

ursos propostos por Lacan, também vai orientar a preocupação com uma clínica que se determina a partir de um laço discursivo, que se expressa na forma como é tomada a proposta de Lacan: “o inconsciente é o social”. Também por essa via são tratadas as modificações nas posições masculina e feminina, trazendo passagens da clínica nas quais se atualizam os impasses contemporâneos na significação sexuada e as formas que homens e mulheres se representam sintomaticamente, a partir daí, na relação ao exercício sexual.

Por último, a apresentação dos impasses na transmissão da psicanálise. Eles se constituem na posição resistente da demanda de discípulo; ou mesmo na dificuldade, interior ao próprio campo, de transmitir a experiência do inconsciente. Neste último ponto, o autor traz sua leitura sobre a proposta de Lacan em relação à experiência do passe.

Por tudo isso, o livro de Chemama traz algumas das principais questões com as quais a psicanálise dialoga. Não somente apresenta-nos essas questões, com suas formas de análise, como convoca-nos à responsabilidade na sua escuta.

Recebido em 3/10/2002.

Aprovado em 5/11/2002.

Ana Costa
aclv@plugin.com.br